

torre

> A peça

Torre oca em osso da qual se preserva a parte superior com cerca de 3,7 centímetros de altura e um diâmetro externo máximo de 2,9 centímetros. Corpo sensivelmente troncocónico com dois anéis bem destacados na parte média e inferior.

Profusamente decorada na superfície exterior, esta peça conjuga diversos motivos incisos, na sua maioria linhas com espaçamento assimétrico. No anel superior, entre duas linhas, exibe uma banda de círculos com o centro bem marcado, espaçados de forma regular.

Das oito ameias originais que a encimavam, remanescem seis em razoável estado. A sua parte inferior também se encontra fraturada, observando-se no seu interior o arranque de um negativo quadrangular.

A julgar pelo seu contexto arqueológico, a torre terá sido utilizada entre os séculos XI e XIII, durante o final da ocupação islâmica ou nos inícios da monarquia portuguesa.



Fragmento BPLX - AD 247 | © M. Farinha

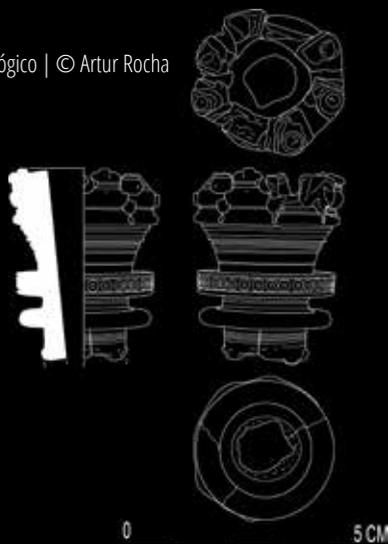
✓ O grupo

Em função da ausência da sua arte inferior, a funcionalidade deste objeto não se encontra totalmente esclarecida, surgindo duas hipóteses como as mais prováveis, ou torre de roca ou peça de xadrez, a primeira mais recorrente no registo arqueológico.

As torres de roca surgem com frequência entre os artefactos de osso de época islâmica, correspondendo ao elemento colocado na parte superior da roca de fiação, utensílio de torção de fios associado à produção manual de têxteis. Evidenciando a mesma gramática decorativa, com linhas e círculos incisos, as torre de roca são abundantes em contextos islâmicos no Sul peninsular, como nos casos das cidades de Silves ou Mértola. Ali, contudo, a sua volumetria tende a ser mais uniforme, de feição cilíndrica, rareando os exemplares tão elaborados como este encontrado no Edifício Sede do Banco de Portugal.

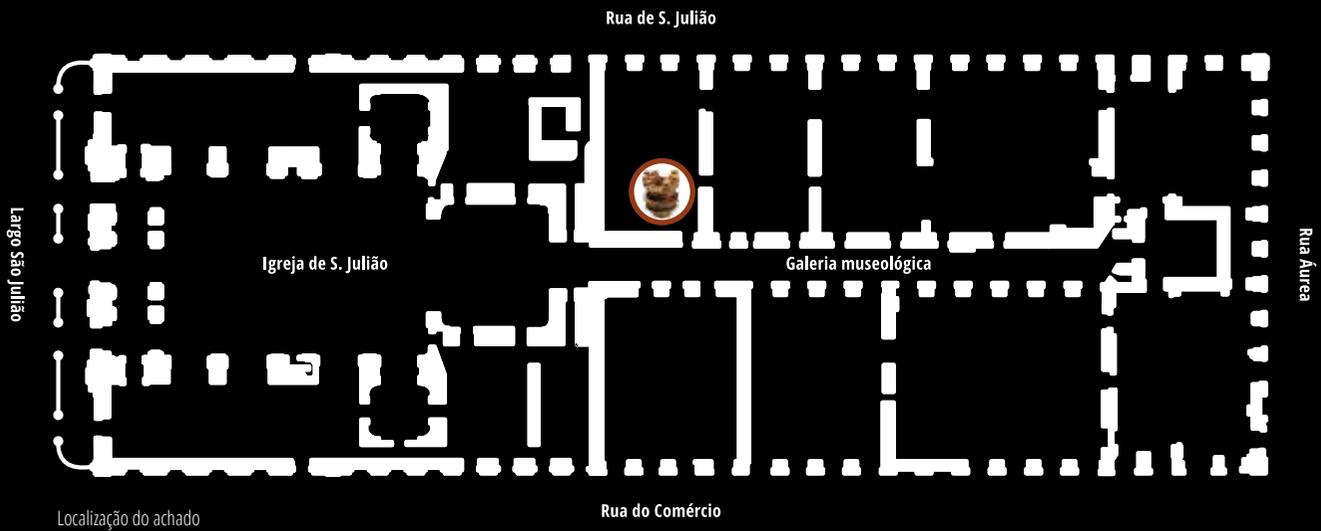
Ao contrário de outras peças de jogo, tais como as marcas discóides simples, os elementos de xadrez são invulgares no registo arqueológico, devido em muito ao carácter socialmente mais restrito da sua difusão em época medieval e ao consequente menor número de vestígios sobrevivente. As peças mais antigas conhecidas na Península Ibérica diferem muito deste exemplar, sendo de natureza mais compacta e com uma decoração menos sofisticada.

Desenho arqueológico | © Artur Rocha



Reconstituições 3D | © Illusive





Localização do achado

^ O achado

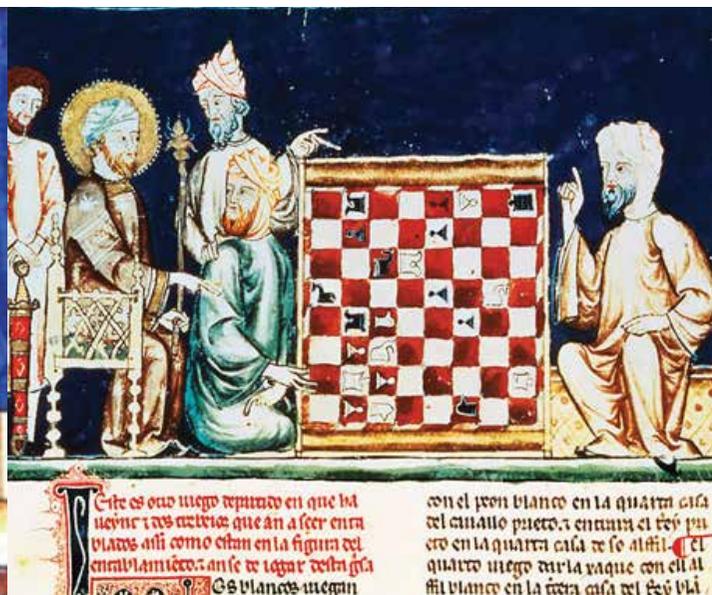
A escassos metros do sítio onde se encontra atualmente exposta, esta peça foi identificada numa camada de aterro encostada à face Norte da muralha de D. Dinis. Este estrato relaciona-se com a primeira fase de urbanização deste local, ocorrida no século XIII e a julgar pelo espólio dele recolhido – abundantes fragmentos de cerâmica comum e em menor número pintada e vidrada, bem como muitos restos faunísticos – estaremos perante a evidência de uma lixeira doméstica.

✓ Outras informações

De origens orientais ainda incertas, a prática do xadrez seria difundida na Península Ibérica por intermédio da conquista muçulmana a partir dos seus territórios meridionais. No século XIII, este jogo havia-se já estabelecido nos reinos católicos, como comprovam as suas representações no Livro dos Jogos de Afonso X, rei de Leão e Castela, e avô de D. Dinis. Neste livro é possível observar a transversalidade social e religiosa do jogo, figurando tanto participantes cristãos como muçulmanos.



Cavaleiros templários jogando xadrez.
Livro dos Jogos de Afonso X.



Mouros da Andaluzia jogando xadrez.
Livro dos Jogos de Afonso X.